

**Textualidades do sexo em redes no projeto audiovisual Sem Capa***Textualities of sex in networks in the audiovisual project Sem Capa*Maurício João VIEIRA FILHO<sup>1</sup>**Resumo**

Com a proposta de simplificar relações sexuais para homens gays, o projeto audiovisual Sem Capa foi desenvolvido em 2018, com 24 vídeos publicados na plataforma digital pornográfica Xvideos. Por meio de uma narrativa injuntiva, com conselhos e orientações para a vida sexual, os vídeos apresentam tutoriais, corpos nus e relações sexuais entre homens. Este artigo tem como objetivo refletir sobre as textualidades na construção do projeto audiovisual Sem Capa, bem como as interações e articulações para a produção de significados sobre o sexo. O percurso teórico-metodológico baseia-se em estudos de texto e textualidade na Comunicação e Linguística para analisar o objeto de pesquisa. Os resultados mostram que o Sem Capa integra uma rede que conecta a plataforma, mosaicos de vídeos, categorias que reduzem performances e corpos, e os sentidos derivados dos espectadores e textos.

**Palavras-chave:** Projeto audiovisual Sem Capa. Textualidades. Textos. Relações sexuais. Homossexualidade masculina.

**Abstract**

With the aim of simplifying sexual relations for gay men, the audiovisual project Sem Capa was developed in 2018, with 24 videos published on the pornographic digital platform Xvideos. Through an injunctive narrative, with advice and guidance for sexual life, the videos present tutorials, naked bodies, and sexual relations between men. This article aims to reflect on the textualities in the construction of the audiovisual project Sem Capa, as well as the interactions and articulations for the production of meanings about sex. The theoretical-methodological approach is based on studies of text and textuality in Communication and Linguistics to analyze the research object. The results show that Sem Capa is part of a network that connects the platform, video mosaics, categories that reduce performances and bodies, and the meanings derived from viewers and texts.

**Keywords:** Audiovisual project Sem Capa. Textualities. Texts. Sexual relations. Male homosexuality.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor do curso de Comunicação Integrada e Mídias Digitais da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Integrante do grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença da Universidade Federal de Viçosa (UFV/CNPq). E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com

## Introdução

Na vida cotidiana, estamos rodeados por diferentes textos que tematizam as relações sexuais. Seja por meio de vídeos em plataformas digitais como *YouTube* que oferecem orientações sobre ter relações mais prazerosas, em imagens que captam nossa atenção, mostrando corpos nus como modelos a serem seguidores, em conteúdos pornográficos que incitam a masturbação ou em textos literários que narram o envolvimento dos corpos. A pluralidade de textos sobre sexo evidencia que, constantemente, enunciamos sobre este tema, uma consideração já destacada por Foucault (2023), que define este fenômeno como uma vontade de saber que se manifesta em discursos de diferentes instituições — medicina, justiça, religião etc. — com a emergência do capitalismo no Ocidente.

Nesta linha de tematização do sexo, no ano de 2018, o projeto audiovisual *Sem Capa* foi lançado em plataformas digitais voltadas ao conteúdo pornográfico. Inicialmente, os vídeos foram publicados na plataforma *Pornhub* e, posteriormente, na *Xvideos*, cujos conteúdos se dirigiam a homens gays que buscavam informações simplificadas sobre sexo. No total, foram 24 vídeos desenvolvidos por Sa João em colaboração com seu parceiro Charlinhus, seguindo o mote de não ter nenhum tipo de barreira discursiva ou limitação de conteúdo sobre a proposta. Esse propósito é parte constituinte do título do projeto nomeado por *sem capa*, que alude também às práticas sexuais *bareback* como forma de atrair atenção do público naquele espaço pornográfico. Os temas abordados envolvem o uso de preservativos, a anatomia do corpo masculino, as informações sobre infecções sexualmente transmissíveis, os fetiches, a nudez, a pornografia, entre outros tópicos. Os vídeos eram ambientados em um quarto, com Sa João em primeiro plano enquanto outros homens mantinham relações sexuais e eram filmados pela câmera ao fundo da imagem com desfoque. Além disso, a linguagem do projeto era caracterizada por um tom orientativo, com conselhos e modos de fazer que se assemelhavam a tutoriais. Atualmente, o projeto está incompleto na plataforma *Xvideos*, onde permanecem somente dez episódios. Contudo, durante o desenvolvimento desta pesquisa, tivemos acesso ao material completo que estava disponível on-line (Sa João, 2018c).

Neste artigo, o objetivo é refletir sobre as textualidades na construção do projeto audiovisual *Sem Capa*, bem como as interações e articulações para a produção de

significados sobre o sexo. Propomos um caminho teórico-metodológico qualitativo orientado pelas considerações de Abril (2007, 2012), Leal (2018) e Val (2006) sobre textos e textualidades, percebendo as configurações do objeto de estudo desta investigação. Entendemos que pensar os textos em redes nos aponta uma dimensão potencial para os significados que o projeto *Sem Capa* busca, de tal forma que podemos perceber conexões e processos que formam um tecido complexo sobre sexo e homossexualidade masculina.

Para este texto, após esta introdução, apresentamos três seções que organizam os argumentos expostos. A primeira seção consiste em uma breve contextualização do projeto audiovisual *Sem Capa*. Em seguida, as textualidades são discutidas como forma de compreender os avanços no que entendemos cotidianamente como texto, rumo a uma perspectiva aberta, plural e em constante construção. Na terceira parte, avançamos para um desenvolvimento analítico das textualidades no projeto *Sem Capa*, visando compreender as construções de significado sobre o sexo para homens gays. Por fim, as considerações finais apresentam as questões levantadas ao longo do trabalho, mas de forma aberta a outras possíveis continuidades da pesquisa.

Antes de prosseguir às seções, ao propor uma reflexão sobre as textualidades, é fundamental situar o ponto de partida das minhas visões e leituras como investigador no campo da Comunicação. Esse reconhecimento faz parte do exercício considerado pelas premissas de Abril (2007), que abordam as diversas maneiras como observamos os textos e como, simultaneamente, eles nos “observam” de volta. Antes de realizar esta pesquisa, eu acompanhei o projeto *Sem Capa* como espectador, assistindo esporadicamente a um ou outro episódio, movido pela curiosidade sobre a proposta dos vídeos e sua tentativa de facilitar a compreensão das relações sexuais entre homens gays. À medida que avançava neste projeto de pesquisa, minhas leituras do fenômeno começaram a se ancorar aos estudos *queer*, que têm guiado minhas trajetórias de trabalho e de vida. Além disso, minhas leituras se enquadram em um lugar social específico como homem gay brasileiro, espectador do projeto *Sem Capa* no momento de seu lançamento e, posteriormente, como pesquisador interessado na tematização da sexualidade nos fenômenos comunicacionais contemporâneos.

Por esses motivos, válido salientar que cada pessoa pode ter uma interpretação única do projeto *Sem Capa*, a depender das bagagens socioculturais, dos interesses pessoais e das incursões feitas na plataforma onde ele se situa. Há quem navegue

aleatoriamente pelos espaços das plataformas *Pornhub* e *Xvideos* onde o projeto foi publicado, selecione determinada categoria ou proceda a uma busca específica e vai se deparar com os vídeos como sugestão da plataforma; outras pessoas podem ser guiadas por interesses específicos e por pesquisas que mobilizaram palavras-chave que compõem os episódios; também pode haver quem tenha navegado aleatoriamente pelos episódios, como eu, uma ação que parece ocorrer devido ao fato de que o número de visualizações varia entre os episódios. Em suma, a multiplicidade de pontos de entrada permite tecer tramas diversas que se interconectam. No meu caso, a leitura para a pesquisa foi realizada três anos após o lançamento, sistematizada a partir da ordenação sequencial dos episódios. Acompanhei possíveis atualizações, transcrevi os vídeos e observei do primeiro ao último vídeo, em ordem, como uma tentativa de perceber conexões, fissuras e contradições na própria iniciativa. Com isso, é reconhecível que, nessa trama textual aberta, existe a possibilidade da chegada de mais fios para sua trama<sup>2</sup>.

### Notas sobre o projeto *Sem Capa*

Desenvolvido como um espaço de reflexões sobre sexo entre homens visando simplificá-lo, o projeto audiovisual *Sem Capa* surgiu com Sa João, principal apresentador dos vídeos e proprietário da conta na qual os episódios foram publicados, e Charlinhus, seu namorado, a partir da percepção de que não existiam espaços nas mídias hegemônicas e nas plataformas digitais que falassem abertamente sobre relações sexuais entre homens. Conforme explica Sa João no primeiro vídeo, os principais locais de aprendizagem sobre sexo durante a adolescência e a juventude, período da vida de autoconhecimento e descobertas, se restringem, fundamentalmente, aos discursos da medicina, que tentam regular os corpos por meio de separações entre normalidade e anormalidade ou saudável e doente, ou à pornografia, um campo complexo em que os corpos são expostos, sexualizados e monetizados (Sa João, 2018a).

Para preencher a lacuna percebida, especialmente no que diz respeito às relações não heterossexuais, o projeto *Sem Capa* contou com 24 vídeos direcionados ao público-alvo de homens gays. As narrativas foram desenvolvidas com Sa João explicando sobre anatomia dos órgãos genitais ou sobre questões do corpo no próprio corpo.

---

<sup>2</sup> Cabe ponderar que, em razão da limitação de espaço para o artigo, esses procedimentos foram suprimidos e concentramos às discussões em torno das textualidades.

Ocasionalmente, quando o apresentador enfatizava que não tinha repertório suficiente sobre o tema a ser tratado, um convidado era chamado para explicar o tema do vídeo. O cenário era um quarto, um espaço onde vivemos nossas intimidades, no qual os homens se relacionavam sexualmente durante o desenvolvimento dos vídeos. Esses corpos não apareciam com clareza nas imagens capturadas, visto que o foco da câmera prevalecia em primeiro plano no apresentador no intuito de direcionar ao que era enunciado. Entre os temas abordados, a saúde foi um dos principais eixos das explicações, abordando, por exemplo, os cuidados com si mesmo e com o outro. Outro aspecto destacado foram as explicações sobre como fazer sexo, bem como narrativas biográficas que ancoravam as explicações às experiências pessoais de Sa João ou de pessoas que ele conhecia.

Os vídeos foram publicados, em sequência, na plataforma *Xvideos*, uma das maiores do setor pornográfico mundial, uma vez que as políticas de uso permitem o compartilhamento de vídeos com conteúdo sexualmente explícito (Vieira Filho, 2022). Atualmente, como mencionamos, há somente dez episódios disponíveis, restringindo as possibilidades para os espectadores que, porventura, se interessem pelo projeto. Os episódios foram gravados em formato curto, com duração máxima de 16 minutos. No total, até o momento em que esta pesquisa foi desenvolvida, a soma do número de visualizações era superior a 4 milhões, com comentários que os espectadores deixavam nos vídeos, seja a favor ou contra o conteúdo. O fim do projeto ocorreu, segundo Sa João, devido ao esgotamento dos temas que ele poderia abordar a partir do que já havia experimentado (Sa João, 2018b).

### **Textualidades e as constituições dos significados**

Algumas questões devem ser levantadas como parte do horizonte conceitual desta investigação: o que é “texto”? Como compreender o que permite sua existência? De que maneira um texto delimita e articula as questões do mundo? E por que a derivação para o sufixo “-idade” contribui para nossa reflexão? Barthes (1970) sugere que um texto não é uma estrutura de significados fechada em si, mas uma galáxia de significantes. Essa ideia desestabiliza concepções limitadas que definem o texto somente como uma unidade autossuficiente, especialmente em sua dimensão verbal (Leal, 2018). A noção de um texto como algo completo, acabado e absoluto é refutada quando consideramos a expansão de meios, possibilidades, interações e tecnologias. Em vista da coralidade de significações

para texto, podemos entender, com o trabalho de Leal (2018), que o texto é uma atividade, uma ocorrência, um evento que só pode ser apreendido em uma situação comunicacional. Essa expansão rompe com a estrutura tradicional do esquema condensado em emissor-mensagem-receptor, tradicionalmente pensado no paradigma informacional da comunicação (França, 2001), e permite pensar o texto como uma unidade de comunicação inserida em práticas sociodiscursivas, dentro de redes textuais (Abril, 2007).

Um texto não está separado das relações, mas inserido em regimes de produção e de poder. Deixa de ser um objeto determinado com um ponto de partida e chegada, de escrita para leitura, para se tornar um processo. Essa consideração conceitual-metodológica implica compreender que as perspectivas tradicionais de emissor e receptor — ou seja, aquele que codifica e o outro que decodifica — são abordagens cristalizadas que devem ser superadas (França, 2001). Nesse sentido, Abril (2007, p. 24, tradução nossa) propõe pensar os sujeitos da comunicação como “coenunciadores”<sup>3</sup>, ou seja, “sujeitos comunicativamente competentes” que articulam diferentes elementos semióticos, condicionados pelas circunstâncias e vínculos comunicativos, participando de forma associada na produção de significados compartilhados. Por isso, “[...] o texto normalmente funciona como um sistema de significação multiestruturado, que se move de nível em nível, de forma que suas denotações se fazem conotações em uma progressão infinita”<sup>4</sup> (Abril, 2007, p. 26, tradução nossa). Isso implica que não existe uma leitura única e definitiva de um texto, uma vez que sua fluidez é um componente constitutivo. São semioses infinitas, nas quais os sentidos colidem de diversas maneiras e, a cada nova leitura, outras camadas de significado são produzidas. Assim, sugere-se relocalizar o texto em uma rede interpretativa do plural do mundo (Barthes, 1970).

Abril (2018), assim como Leal (2018), aponta que o avanço do texto, uma palavra masculina cujas raízes semânticas circunscrevem uma concepção delimitada e imanentista, para a textualidade, uma palavra feminina que explicita a complexidade e a dilatação do processo, constitui conquistas que destacam mobilidades, fluidez, historicidades, temporalidades e emergências. É um avanço da ilha, que implica isolamento, para o pensamento de arquipélagos, ou seja, uniões, relações e redes (Abril,

---

<sup>3</sup> No original: “coenunciadores”; “sujetos comunicativamente competentes” (Abril, 2007, p. 24).

<sup>4</sup> No original: “[...] el texto normalmente funciona como un sistema de significación multiestructurado, que se mueve de nivel en nivel, de forma que sus denotaciones se hacen connotaciones en progresión infinita” (Abril, 2007, p. 26).

2007). Dessa forma, a textualidade oferece elementos que permitem a emergência de um texto em um determinado processo comunicativo (Leal, 2018).

Leal (2018, p. 22) esclarece que, “[...] sendo um processo, a textualidade faz com que os textos não sejam artefatos estáveis, mas, sim, amálgamas provisórios de relações em curso”. A metáfora da “amálgama” explica a composição variada e a mistura de elementos heterogêneos que formam os textos, mas essa totalidade é instável e não permanente, pois está em relações que fluem em constantes mudanças e acontecimentos. O pesquisador também levanta a questão para o campo do conhecimento da Comunicação, que deve sempre questionar as fronteiras dos textos mobilizados para tentar compreender o que se busca investigar. Assim como Leal (2018) continua problematizando quando seria o “início” de uma manchete jornalística ou de um romance, poderíamos equiparar o pensamento ao nosso fenômeno. Quando começou o projeto *Sem Capa*? Somente em 2018, com a publicação do projeto, ou muito antes, com as próprias problemáticas das sexualidades? Os espectadores não seriam os narradores do projeto, assim como Sa João? As histórias individuais não se articulam coletivamente nesse espaço e além dele? Os corpos em cena não seriam textos em tessitura? São múltiplas as perguntas que surgem e geram um desafio para compreender as textualidades e seus enredamentos na tematização do sexo.

A leitura crítica-analítica que fazemos é apoiada por repertórios teóricos que permitem perceber ilhas que possibilitam iniciar um projeto de arquipélagos textuais. Se o texto surge em um determinado processo de comunicação, os caminhos que seguimos junto com esse processo formam parâmetros de abordagem e compreensão (Leal, 2018). Em outras palavras, é fundamental ter consciência de que os textos do projeto *Sem Capa* escolhidos são fragmentos na textualidade ou, mobilizando as metáforas do tecido, são fios e nós que me colocam na e com a percepção do fenômeno. Não se trata de pegar textos para decompor, mas de confirmar seu tecido sem fim, segundo Antunes, Mafra e Jáuregui: “não há como separar os textos das formas de comunicação, de seus emaranhados e de sua cadência de outros textos” (Antunes; Mafra; Jáuregui, 2018, p. 43).

Portanto, a processualidade dos textos se evidencia nas cadeias e na pluralidade de camadas que se sucedem de forma inesgotável, afastando o texto de noções cristalizadas e fechadas. A dimensão da trama demonstra que se trata de uma construção cultural que não está isolada do mundo e reforça a ideia de que o texto não existe em um estado de isolamento.

## Textualidades do sexo

Abril (2018, p. 12-13) escreve que “[...] a textualidade é um fazer-se qualificado e qualificante, um tecer-se e um devir-se em um labirinto de sentidos [...]”, ou seja, é uma superação de uma visão fixa para propor outra que parte de uma fluidez. Essas observações se conectam com as redes comunicacionais que envolvem a sexualidade, a pornografia e *Sem Capa*, criando um caldo textual que propicia o surgimento de textualidades em um tecido constante, um entrelaçamento infinito com outras redes textuais e semióticas infinitas. Dessa forma, entendemos o projeto *Sem Capa* como um conjunto de múltiplos textos que não se limita somente à dimensão audiovisual, mas envolve os espectadores que tentaram, em certa medida, interagir com o conteúdo por meio de comentários, “curtidas” e compartilhamentos na plataforma, outros textos sobre sexo que cada pessoa que tenha contato com o projeto possa ter, diálogos com temas mais amplos de campos correlacionados ao tema, bem como vídeos pornográficos disponíveis na plataforma *Xvideos*.

Ter esse entendimento nos leva a outro ponto importante que se refere à questão levantada por Leal (2018) sobre quando um texto começa e termina. Esses contornos e fronteiras não são precisos, pois os processos de produção de significados são infinitos e continuarão sendo tecidos permanentemente a partir das experiências e articulações de cada pessoa. Diante desses emaranhados, o projeto *Sem Capa* continua em constituição, embora oficialmente já não seja mais produzido e mesmo que seus vídeos tenham sido excluídos, por meio dos vínculos estabelecidos entre cada um que se relaciona e se relacionou com os episódios. O “fim” do projeto não significa, de forma alguma, o fim de seus vídeos; pelo contrário, o tecido da narrativa não está estritamente fechado no que é apresentado audiovisualmente e verbalmente no canal e supostamente delimitado pela publicação na plataforma. Cada pessoa que tiver contato com o *Sem Capa* terá leituras e interpretações variadas, contribuindo com mais fios para essa trama, produzindo novos textos, identificando a pluralidade que lhe pertence, bem como refutando ou aderindo aos textos, misturando-se com essa rede junto à própria vida. Por essas razões, não é possível ter uma visão global sobre quais seriam os sentidos atribuídos a “simplificar o sexo”, proposto pelos realizadores do projeto, uma vez que as produções e interpretações de sentidos estão em negociações permanentes. São significados infinitos e não tão simples de serem “simplificados”. Compreender que os textos ocorrem na vida e são apenas um

fragmento nas textualidades é saber que não estamos diante de algo cristalizado, mas em um encontro, com afetações, mobilizando significados e disputas de poder. Essa compreensão é um desafio que atravessa questionamentos sobre o que significa “simplificar o sexo” (Sa João, 2018a) no projeto *Sem Capa*, visto que temos um processo infinito pelo qual se forma uma complexa rede textual sobre sexo, corpos e experiências.

Em diálogo com Val (2006), Leal (2018, p. 19) menciona os sete princípios constitutivos da textualidade que permitem operacionalizar as discussões sobre os textos (“coerência; coesão; intencionalidade; aceitabilidade; informatividade; situacionalidade; e intertextualidade”). A caracterização proposta pela pesquisadora parte de perspectivas ligadas, essencialmente, ao texto como uma dimensão limitada ao verbal, marcada pelos polos de emissão e recepção, por meio da perspectiva linguística e com as categorias de textualidade conectadas para o texto ser considerado um texto (Val, 2006). Leal (2018), no entanto, problematiza esses aspectos do pensamento da linguista para avançar na comunicação, de modo que as interações entre os signos, as situações comunicativas e as relações estudadas se tornem visíveis. Dessa forma, romper com a perspectiva de esquemas informacionais isolados entre emissão e recepção é ideal para compreender a fluidez dos fenômenos comunicacionais (França, 2001). Assim, apontamos que perceber as dinâmicas dos processos comunicacionais por meio da relação entre coenunciadores, termo destacado por Abril (2007), é a conquista dessa ação compartilhada pelos interlocutores nos textos. Além disso, é importante entender que a interlocução permite o surgimento de certos sentidos compartilhados, algo que não é dado nem próprio do texto em si, mas dessa prática sociodiscursiva (Leal, 2018).

Ao considerar os princípios apresentados por Val (2006) na leitura de Leal (2018), é possível fazer um esforço para avançar metodologicamente no estudo da textualidade e das categorias defendidas pela linguista no processo de textualização e adaptando-as à comunicação. Fazer essa interface entre linguística e comunicação permite tensionar o fenômeno de tal forma que reconhecamos as interações e as articulações entre diferentes signos constitutivos e sujeitos participantes.

A coerência e a coesão são elementos fundamentais e inter-relacionados nas dimensões textuais para garantir uma ordem lógica. Koch (2024) explica que os textos são resultados parciais das atividades comunicativas dos sujeitos e, para tanto, coerência e coesão se articulam em um duplo movimento para conectar partes e estabelecer lógicas. Val (2006) afirma que a coerência está relacionada com a construção de sentido e a

interpretação do receptor, enquanto a coesão se refere ao conjunto interno organizado lexical e gramaticalmente no texto.

Para nós, na Comunicação, a coparticipação dos interlocutores no processo comunicativo é de extrema importância para a compreensão das sensibilidades dos textos. A perspectiva de Val (2006) sugere a transmissão da mensagem, mas seguir pela compreensão da ação compartilhada, na qual coerência e coesão participam das produções e interpretações de significados, é um dos avanços para a área. Embora a linguista sustente que os sentidos não estão incrustados nos textos, marca-se uma estabilidade que, segundo Leal (2018), não é solidez, mas provisoriedade. Portanto, essas duas categorias semântico-conceituais são reconhecidas em nossas análises como fundamentais para avançar pelos outros fatores pragmáticos da textualidade e se apresentam diluídas ao longo da pesquisa. Apostamos que a coerência e a coesão no projeto *Sem Capa* se dão pela sequência de significados atribuídos nos vídeos sobre relações sexuais como uma forma de explicar ao público temas que tocam as experiências coletivas de homens gays. Por esse motivo, os vídeos se conectam por um fio narrativo que se entrelaça com as redes textuais sobre sexo e os sentidos que se constroem a partir deles.

Vamos nos concentrar, especialmente, à situacionalidade e à intertextualidade. A situacionalidade é um fator de textualidade ligado à situação de comunicação, ou seja, há um conjunto de aspectos que abrigam, definem e indicam uma determinada relação comunicativa. Nesse contexto, entendendo a situação como ligada ao contexto, ou seja, à “exterioridade constitutiva” (Ribeiro; Martins; Antunes, 2017), o processo comunicativo atua em um determinado conjunto de relações e, ao mesmo tempo, se alimenta dele. A situacionalidade está relacionada, portanto, com os contextos e com as situações caracterizadas e organizadas dentro do texto.

Ao comparar a situacionalidade no projeto *Sem Capa*, é crucial destacar, acima de tudo, a plataforma e o campo do pornográfico na composição da economia erótica tecida nos textos do projeto (Vieira Filho, 2022). Os mecanismos formadores da pornografia estão em trânsito pelo *Sem Capa*. Outra dimensão contextual refere-se à compreensão das relações sexuais a partir de uma chave pedagógica, ou seja, que apresenta diretrizes para o ensino de pessoas que estariam interessadas ou precisariam aprender algo. Esse propósito pedagógico, que está em diálogo com o interesse em simplificar o sexo (Sa João, 2018a), conecta-se aos processos contínuos que ocorrem ao

longo da vida, por meio de normas, para aprender como ser, estar e nos relacionar em uma sociedade guiada por uma matriz heterossexual (Foucault, 2023; Louro, 2019).

Sem a pretensão de classificar o projeto como pornográfico pelo simples fato de estar em uma plataforma considerada como tal, podemos observar a dissolução das fronteiras que se articulam no fenômeno. Ao vislumbrar a situacionalidade, podemos perceber a intertextualidade como uma camada conectada ao texto, uma vez que está em relação e diálogo com tantos outros textos situados no campo do pornográfico e do audiovisual, assim como se estabelece entre dinâmicas de textos e contextos. Importante enfatizar sobre a intertextualidade que:

Isso significa que todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe (Koch, 2024, p. 59).

Diante disso, podemos inferir ainda que, em diferentes episódios, a intertextualidade se faz presente por meio das conexões realizadas entre experiências pessoais e temas abordados como importantes para uma vida sexual eficaz. Além disso, a intertextualidade é um elemento ativado a partir de citações a organizações que podem validar os argumentos apresentados, como, por exemplo, em textos científicos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) para explicar medicamentos que podem ser usados para profilaxia ou tratamentos de saúde ou, inclusive, dados oficiais de saúde da OMS.

Outro fator de intertextualidade é evidenciado por alusões feitas a partir do título do projeto (*Sem Capa*), que pode atrair pessoas que acreditam que o conteúdo aborda relações sexuais sem preservativo, apesar de o projeto audiovisual defender o método como uma forma de prevenção que deve ser utilizada por homens gays. Dessa forma, diferentes textos se conectam e compõem a estrutura do projeto *Sem Capa*, enfatizando a eficácia comunicacional dos textos e mediando um processo de produção de significados nas interações sociais desenvolvidas com o projeto.

### Considerações finais

Neste artigo, apresentamos discussões relacionadas às dimensões textuais e aos fatores de textualidade a partir do estudo do projeto audiovisual *Sem Capa*. Mediante as reflexões desenvolvidas, é notável que os textos do *Sem Capa* fazem parte de uma

constituição em rede que interconecta a plataforma onde estava hospedado, entre os mosaicos de opções de vídeos na tela e as categorizações que tentam reduzir performances e corpos a atos e experiências. Envolve sujeitos espectadores que interagem e os sentidos produzidos com e a partir dos textos. Cada episódio também está relacionado a tantas outras redes textuais. Assim, essa relação convoca a ideia de contexto como “exterioridade constitutiva” (Ribeiro; Martins; Antunes, 2017), que busca desnaturalizar uma visão fechada de sentido dada no próprio texto e configura sem estabelecer dois polos binários de “dentro” e “fora” do texto.

Em vista disso, conseguimos reconhecer as pluralidades de temporalidades e práticas que atravessam *Sem Capa* e que os processos de significação não estão fechados em si próprios. Trata-se de uma constante abertura e fechamento, que sempre possibilita reinterpretções. *Sem Capa* e seus contextos se retroalimentam; no entanto, não se trata de uma estabilidade. Pelo contrário, as relações estão em curso, em uma polifonia e diálogo constantes.

Se alguns parâmetros de análise textual consideravam somente as raízes semânticas imanentistas que se limitavam às dimensões verbais, especialmente a escrita, com os avanços tecnológicos, as formas como nos relacionamos com os textos mudaram, uma vez que se tornaram cada vez mais eletrônicos, mediados por múltiplas telas e possibilidades interativas, como lembra Alves (2013). O texto é um espaço construído, ou seja, uma trama ou tecido, o que indica o papel ativo de várias linhas de sentidos que fazem parte dessa composição. Além disso, “[...] o texto é somente objetivável em seu processo interpretativo, na experiência de sua leitura e em suas condições socioculturais”<sup>5</sup> (Abril, 2012, p. 16, tradução nossa). Portanto, é perceber o texto por seus significados culturais, práticas sociais e relações de poder que fazem parte dele. Assim como sugere a leitura de Alves (2013) sobre as referencialidades da rede, devemos entender os textos em suas redes e conexões que os formam e alteram continuamente.

Por fim, se os textos constituem uma ação para compreender fenômenos, podemos compreender os corpos como textos (Leal, 2006). Nossos corpos são lidos e leem mediante gestos de diferentes ordens para atribuir-lhes significados. O corpo é uma potência em constante transformação pelo tempo, espaço, intervenções e cultura. Compreender o corpo como uma escrita, segundo Leal (2006), implica perceber sua

---

<sup>5</sup> No original: “[...] el texto es sólo objetivable en su proceso interpretativo, en la experiencia de su lectura y de sus condiciones socioculturales” (Abril, 2012, p. 16).

inscrição na cultura e sua representação para os receptores que o interpretarão. O pesquisador continua seu argumento com a seguinte afirmação: “pensar o corpo como texto, portanto, é observar os movimentos passados, nele materializados, nele remanescentes, e os movimentos presentes que ele performa” (Leal, 2006, p. 148). A partir dessa compreensão dos textos em uma perspectiva mais ampla, que não se limita apenas ao universo verbal, que envolve elementos culturais entrelaçados temporal e espacialmente (Leal, 2018), podemos entender os corpos como textos, que dependem da situação de compreensão, na qual se relacionarão com nossas textualidades. Percebemos, então, que não existe uma universalidade nos textos, mas que eles operam de maneiras diferentes entre cada um de nós. O corpo de Sa João, de Charlinhus, dos outros convidados e os nossos, como espectadores do projeto *Sem Capa*, estão em relação e na produção de textos.

Os corpos estão em uma vasta rede textual que se renova constantemente. Esses emaranhados de textualidades permitem compreender que os corpos e suas redes amalgamadas são tecidos. Compreender essa maleabilidade é entender como algo inacabado, instável e temporário, no qual os fios normativos se entrelaçam em nossos corpos e fundem nossas subjetividades, mas podem se desfazer, se refazer, se romper, continuar e até mesmo se cortar. Isso significa que nenhum fenômeno é determinado ou surge aleatoriamente, mas sempre se constrói socialmente. As textualidades da “simplificação”, portanto, produzem condições e implicações sobre os corpos e as experiências gays.

## Referências

ABRIL, G. **Análisis crítico de textos visuales**. 1. ed. Madrid: Síntesis, 2007.

ABRIL, G. Prólogo. In: LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A.; ALZAMORA, G. (Orgs.). **Textualidades midiáticas**. 1. ed. Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018, p. 9-16.

ALVES, I. L. A. Textualidades em consonância: Considerações sobre tramas visuais, verbais e sonoras em telas eletrônicas. In: Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da Puc-Rio, 10., 2013, Rio de Janeiro. **Anais do XPOSCOM – Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013. p. 1-13. Disponível em: <http://dcsfafichufmg.com.br/tramas/wp-content/uploads/2018/04/Textualidades-em-conson%C3%A2ncia-Entremeios-2013.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2024.

ANTUNES, E.; MAFRA, R.; JÁUREGUI, C. Mídia em trânsito, mídia em transe: textualização, epifania e distanciamento. In: LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A.;

ALZAMORA, G. (Org.). **Textualidades midiáticas**. 1. ed. Belo Horizonte: PPGCom/UFGM, 2018, p. 35-57.

BARTHES, R. S/Z. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. **Ciberlegenda**, [S. l.], n. 5, p. 1-19, 2001. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/7d06347ce077e62672152ce4d19b6c3d/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2034136>. Acesso em: 5 nov. 2025.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2024.

LEAL, B. S. Do corpo como texto: na mídia, na rua. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 144-151, 2006. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6128>. Acesso em: 4 nov. 2025.

LEAL, B. S. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A.; ALZAMORA, G. (Org.). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom/UFGM, 2018, p. 17-33.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 7-42.

RIBEIRO, A. P. G.; MARTINS, B. G.; ANTUNES, E. Linguagem, sentido e contexto: considerações sobre comunicação e história. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 1-17, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.3.27047>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SA JOÃO. Sem Capa #1 | Vamos falar de sexo? **Xvideos**, 2018a. 1 vídeo. Disponível em: [https://www.xvideos.com/video37475257/sem\\_capa\\_1\\_vamos\\_falar\\_de\\_sexo\\_](https://www.xvideos.com/video37475257/sem_capa_1_vamos_falar_de_sexo_). Acesso em: 28 maio 2018.

SA JOÃO. #Sem Capa #24 | Pós-coito. **Xvideos**, 2018b. 1 vídeo. Disponível em: [https://www.xvideos.com/video39950891/sem\\_capa\\_24\\_pos-coito](https://www.xvideos.com/video39950891/sem_capa_24_pos-coito). Acesso em: 28 maio 2018.

SA JOÃO. **Xvideos**, 2018c. Perfil do canal. Disponível em: [https://www.xvideos.com/amateur-channels/sa\\_joao](https://www.xvideos.com/amateur-channels/sa_joao). Acesso em: 5 jun. 2021.

VAL, M. G. C. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VIEIRA FILHO, Maurício João. Plataformização da pornografia: considerações sobre estruturas e regimes de circulação de conteúdos audiovisuais na Xvideos. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 117-136, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/17829>. Acesso em: 4 nov. 2025.